

# NOTAS À INTERPRETAÇÃO DE CIRNE-LIMA DO CONCEITO DE CONTRADIÇÃO EM HEGEL<sup>1</sup>

*Notes about Cirne-Lima's interpretation of Hegel's concept of contradiction*

Jaaziel de Carvalho Costa<sup>2</sup>

**Resumo:** o presente artigo tem como objetivo geral analisar a recepção do conceito de contradição de Hegel por Cirne-Lima em sua obra *Depois de Hegel* tendo como suporte a própria *Wissenschaft der Logik*, e explicitar as implicações das propostas de cada filósofo. Assim, nosso objetivo específico será de comparar a interpretação de Cirne-Lima da contradição em Hegel com o que efetivamente o filósofo alemão expressa em sua *Wissenschaft der Logik*, a fim de mostrar os pontos de aproximação e distanciamento entre eles.

**Palavras-chave:** contradição, lógica, ontologia, Hegel, dialética.

**Abstract:** This article aims to analyze the interpretation of the concept of contradiction in Hegel by Cirne-Lima in his book *Depois de Hegel* by appealing to Hegel's book *Wissenschaft der Logik*, and to explain the implications of the proposals of each philosopher. So our specific objective is to compare the interpretation of Cirne-Lima in Hegel's contradiction with what the German philosopher actually expressed in his *Wissenschaft der Logik* in order to show the points of approximation and distancing between them.

**Keywords:** contradiction, logic, ontology, Hegel, dialectic.

Kant, na modernidade, elogiou a lógica por ter tomado uma via segura, “pelo fato de, desde Aristóteles, não ter dado um passo atrás...”. Também é digno de nota que não tenha até hoje progredido, parecendo, por conseguinte, acabada e perfeita.<sup>3</sup> Assim, podemos notar que, embora a metafísica tenha sofrido várias críticas e modificações, a lógica não tinha tido sequer algum progresso. Embora as críticas de Hegel à lógica tenham um caráter ontológico, uma vez que ele pensou a lógica e a ontologia como disciplinas filosóficas complementares, foi com Hegel que se iniciaram as críticas à lógica. Hegel foi radical em suas críticas, uma vez que seu ataque é ao conceito lógica que até então era intocável, a saber, a contradição. contradição.

A separação feita na modernidade entre as estruturas do mundo e do sujeito cognoscente provocou em Hegel grande acendimento para uma tentativa de reconciliação

---

<sup>1</sup> Este trabalho se fez possível graças ao PET – Filosofia/UFPI, a quem agradeço ao tutor prof. Dr. Helder B. A. de Carvalho.

<sup>2</sup> Graduado em Filosofia (UFPI), Mestrando em Ética e Epistemologia (UFPI).

<sup>3</sup> In: KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. 5 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. B VIII.

destes. O que primeiramente se observa é que a lógica em Hegel tem um sentido muito diferente do sentido da lógica aristotélica e dos desdobramentos desta hoje. Segundo Hegel, aquilo que o patrimônio filosófico até sua época concebia como lógica deveria sofrer uma transformação radical, tanto na forma quanto nos conteúdos<sup>4</sup>. As críticas de Hegel não eram no sentido de re-correr alguns pontos da lógica, mas de fundamentá-la novamente em sua totalidade desde o princípio. A realização desse empreendimento, levado a cabo na *Wissenschaft der Logik*<sup>5</sup>, ou como também é chamada, *a lógica maior*, está embasada numa concepção original do que a lógica é, a qual, contudo, foi recepcionada de modo muito negativo pelos lógicos pós-hegelianos, uma vez que a lógica é, para Hegel, em última instância, ontologia. Hoje, a lógica não passa de um instrumento, um conjunto de ferramentas para verificar a validade ou falsidade de um argumento.

Na contemporaneidade, muitos intérpretes tentaram explicitar o que Hegel chamou de contradição. No Brasil também temos autores que se dedicam a este trabalho, entre eles Cirne-Lima, que ao longo dos anos tem interpretado e tentado corrigir o conceito de contradição de Hegel, e juntamente com esta correção fazer uma crítica a todo o sistema hegeliano. Em seu último livro, *Depois de Hegel*<sup>6</sup>, o qual se pretende contrapor à *lógica maior*, além de apresentar sua interpretação da lógica hegeliana, de tentar fazer uma correção e uma crítica a todo o sistema hegeliano, Cirne-Lima possui ainda outra intenção, que é construir um sistema neoplatônico. Neste novo intento, Cirne-Lima nos apresenta esta interpretação, suas críticas e correções. Uma das críticas e interpretações inovadoras deste filósofo brasileiro ao sistema hegeliano é endereçada ao conceito de contradição, que, segundo ele, foi mal entendido durante boa parte da história da filosofia e que Hegel também foi infeliz em ter utilizado este termo na forma como ele o fez. Com a correção de Cirne-Lima, através deste conceito, ele acaba por criar um sistema neoplatônico. Nosso objetivo aqui é analisar a interpretação de Cirne-Lima do conceito de contradição em Hegel à luz da *Wissenschaft der Logik* de Hegel, para explicitar e avaliar estas críticas e correções fornecidas nesta nova interpretação.

### ***A Contradição em Cirne-Lima***

Salta-se aos olhos a semelhança entre a estrutura do texto do filósofo brasileiro com o texto do filósofo alemão, isto nos mostra a proximidade e a influência entre os dois.

<sup>4</sup> HEGEL, G. W. F. *Werke*. In 20 Bänden. Berlin: Suhrkamp Verlag, 1970. Band 5. p. 13/14.

<sup>5</sup> Para a melhor compreensão desta obra no alemão, usei como guia de comparação e ajuda, as traduções da mesma para o inglês (tradução de Miller), francês (tradução de Labarriére e Jarkzic) e espanhol (tradução de Rodolfo Mondolfo).

<sup>6</sup> CIRNE-LIMA, Carlos Roberto Velho. *Depois de Hegel*. Caxias do Sul: EDUCS, 2006.

Cirne-Lima começa a tratar da contradição na primeira parte de sua *Lógica da Essência*, mais especificamente no segundo capítulo, intitulado de “As essencialidades ou as determinações da reflexão”, onde ele produz uma rápida discussão a partir de Platão, passando por Ockham, os empiristas, Kant e finalmente chegando a Hegel.

Em Kant, ele fala das categorias, e afirma que em vez de doze categorias, como este queria, Hegel utiliza-se de três: identidade, diferença e coerência.<sup>7</sup> Concordamos com ele em dizer que o termo *Widerspruch* em Hegel, que traduzido para o português seria *contradição*, não tem o mesmo sentido da contradição falada na lógica aristotélica e nos desenvolvimentos que esta lógica adquiriu nos dias de hoje. Porém, discordamos que a *contradição* em Hegel deva ser entendida como *coerência*, como quer Cirne-Lima. Nossas razões para esta recusa serão expostas durante o desenvolvimento de nosso texto.

Cirne-Lima expõe o conceito de *contradição* em quatro passos: 1. A oposição como um momento necessário para a constituição da identidade dialética; 2. A demonstração e determinação mútua que formam os pólos da oposição dialética; 3. A amostra e a prova do que é diferença dialética; 4. Demonstração da coerência dialética.<sup>8</sup>

Acompanharemos todos estes passos, e ao final de cada um destes faremos uma interpretação crítica, na qual mostraremos nosso ponto de vista de forma argumentativa, tendo como base o próprio Hegel.

### ***Demonstração da oposição insita na identidade dialética***

Cirne-Lima começa por afirmar que a identidade lógica não é a mesma identidade dialética, isto porque a primeira diz respeito apenas a “a” e a sua igualdade consigo mesmo, apenas afirma “a” e nada mais. Aqui, “a” está em relação somente consigo mesmo, e isso expressa apenas uma tautologia. A identidade dialética, diferentemente da primeira, possui, imaneamente a ela, a oposição de contrários, e é isto que lhe dá conteúdo, ou melhor, é nesta relação que a identidade se determina.<sup>9</sup>

Esta crítica que Cirne-Lima levanta ao princípio de identidade tinha sido feita por Hegel em sua lógica<sup>10</sup>. Estamos de acordo com Cirne-Lima até o ponto em que ele afirma que este princípio não diz nada de mais, pois pensar as coisas somente em relação a elas próprias não nos conduziria a nada mais que ela mesma.

<sup>7</sup> Ibidem, p. 103. A crítica a esta afirmação só será feita mais adiante.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 104.

<sup>9</sup> A interpretação da oposição dialética como uma relação entre “contrárias” e não como “contraditórias” foi feita primeiramente por McTaggart em: McTAGGART, John Ellis. *Hegel's treatment of the categories of quality*. *Mind*, New Series, Vol. 11, No. 44, (oct., 1902), pp. 503-526. p. 505.

<sup>10</sup> HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio: A Ciência da Lógica*. Volume I. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005. § 115.

Tanto na *lógica maior* como na lógica da *Enciclopédia*, Hegel afirmou que os momentos ou lados da lógica são três: 1. O lado abstrato ou do entendimento; 2. O lado dialético ou negativamente-racional; e 3. O lado especulativo ou positivamente racional.<sup>11</sup> O lado abstrato é o momento da lógica em que as coisas são entendidas em relação a elas próprias, elas são fixadas. O segundo momento, isto é, o lado dialético ou negativamente racional é o momento em que são ultrapassadas a fixação e a finitude das determinações, isto é, é o momento da lógica em que são ultrapassadas as determinações finitas e passa-se às determinações opostas, a saber às determinações infinitas, e aqui surge o conceito de finito e infinito, o qual foi muito bem expresso no segundo capítulo da primeira parte do *Depois de Hegel* de Cirne-Lima. No terceiro momento surge então a unidade entre as determinações finitas e seu ultrapassar para suas opostas, ou seja, é o momento em que ocorre a suprassunção entre os opostos.<sup>12</sup>

A diferença entre Hegel e Cirne-Lima neste primeiro passo é que o filósofo brasileiro não parece ser tão detalhado e analítico quanto Hegel neste mesmo ponto. O que Cirne-Lima ainda faz é uma distinção entre identidade lógica e identidade dialética, mas não as coloca diretamente em momentos, e não chega a falar que vê que tanto a identidade lógica quanto a identidade dialética são momentos do mesmo, a saber, do lógico. Ao que parece, ele usa o termo “lógica analítica” para designar o momento que Hegel chamou de “entendimento” e usa “lógica dialética” para designar os momentos da “dialética negativa” e da “dialética positiva”.

Hegel articulou a lógica a partir de três momentos, os quais podem ser postos conjuntamente sob o primeiro momento – o entendimento – e por isso serem mantidos separados uns dos outros. Aqui Hegel não defendeu que estes momentos da lógica não podem ser postos lado a lado e medidos, pois afirma que os mesmos podem ser mantidos separados uns dos outros, mas supõe uma certa auto-suficiência destes momentos, sendo possível assim que cada momento se mantenha em si mesmo. E neste ponto parece que Hegel também dá uma explicação para o que Cirne-Lima chama de “confusão entre dialéticos e analíticos”. Para Hegel, dialéticos e analíticos estariam em momentos diferentes da lógica, porém tanto um como o outro parecem se manter isolados nestes, por isso a impossibilidade do debate, assim o entendimento só é autônomo do seu próprio ponto de vista.

---

<sup>11</sup> *Ibidem*. § 79.

<sup>12</sup> Devemos ressaltar que a relação entre esses momentos é tal que eles podem ser dispostos em qualquer um dos três momentos, sendo assim, podem ser colocados como fixados, opostos ou suprassumidos, sendo o último momento, o da suprassunção, o que Hegel coloca como o mais adequado, uma vez que nele desaparecem todas as oposições.

Voltando a Cirne-Lima. Ele parte do momento do entendimento, quando critica o princípio de identidade, enquanto que é definido somente em relação a ele próprio, e prossegue para o segundo momento, o dialético, que é o momento da negatividade, enquanto afirma que as coisas agora são definidas por sua relação com outros, não só isso, mas a relação com o outro é uma característica necessária das coisas mesmas. O que resta saber é se ele consegue ou não ultrapassar o momento da dialética negativa e passar para o terceiro momento, o momento da dialética positiva.

Cirne-Lima também afirmou que a primeira grande diferença entre a identidade meramente lógica e a identidade dialética é que esta última contém uma oposição que a constitui.<sup>13</sup>

Aqui Cirne-Lima mostra-nos esta primeira formalização, e juntamente com ela, ele nos fornece qual o final desejado. Vamos colocá-la por inteiro e pouco a pouco mostraremos a argumentação feita por ele. Após cada passo dado por ele, mostraremos nossas críticas e objeções, e somente depois que o sistema de Cirne-Lima estiver totalmente completo, quanto a crítica à identidade e à contradição, é que tentaremos mostrar o conceito de contradição em Hegel mais diretamente.

Podemos traduzir a formalização desta maneira:

1. Para todo  $x$  e para todo  $y$ , se  $x$  é igual a  $x$ , então  $x$  é uma determinação que se opõe dialeticamente a  $y$ .
2. Para todo  $x$  e para todo  $y$ , se  $x$  é uma determinação que se opõe dialeticamente a  $y$ , então  $x$  é uma determinação que se determina por sua relação com  $y$ .
3. Para todo  $x$  e para todo  $y$ , se  $x$  é uma determinação que se determina por sua relação com  $y$ , então  $x$  é uma determinação que é dialeticamente diferente de  $y$ .
4. Para todo  $x$  e para todo  $y$ , se  $x$  é uma determinação que é dialeticamente diferente de  $y$ , então  $x$  é uma determinação que é dialeticamente idêntica a  $x$ .<sup>14</sup>

### ***A determinação mútua dos pólos dialéticos na identidade.***

Cirne-Lima aproxima-se de Hegel quando afirma que por algo ser dialeticamente oposto a um outro, ele se determina por este outro que se opõe a ele, e que na dialética os pólos determinam-se mutuamente. Assim, o conceito de identidade dos dialéticos é muito mais rico do que o dos analíticos, pois o discurso dialético não ignora a relação bipolar e a determinação mútua dos pólos quando fala em identidade. Os analíticos consideram que é possível uma identidade sem que haja determinação mútua dos pólos, o que seria

<sup>13</sup> CIRNE-LIMA, Carlos Roberto Velho. In: Op. Cit. p. 106.

<sup>14</sup> Ibidem. p. 107

impossível tanto para Hegel quanto para Cirne-Lima, porque é impossível pensar *algo* sem *outro*, e vice-versa.<sup>15</sup>

### ***A diferença dialética como constitutiva da identidade***

A *diferença dialética* é diferente da *diferença analítica* porque a primeira se funda na oposição dialética dos pólos que se determinam mutuamente. Isto é, para Cirne-Lima a diferença só é dialética se e somente se ela contiver uma oposição. Porém não é uma oposição qualquer, tem que ser uma oposição de determinação mútua, uma oposição que não seja possível pensar uma sem que não se pense simultaneamente a outra, como por exemplo: subjetividade e objetividade, finito e infinito, pai e filho, etc. Um não irá excluir o outro.

### ***A Identidade dialética – Coerência***

Só aqui é que Cirne-Lima irá tocar mais diretamente no conceito tão esperado, a contradição. Segundo ele, a identidade dialética difere da identidade lógica porque a segunda diz apenas uma tautologia e a primeira, além de conter a segunda, contém também uma oposição ínsita que a constitui, uma oposição de dois pólos que se determinam mutuamente, por isso ela é mais rica que a segunda. Estes dois pólos se separam por serem opostos, porém se unem por se determinarem mutuamente.

Para Cirne-Lima, a categoria em forma de síntese aqui é a coerência e não a contradição, pois segundo ele, não há contradições aqui. O resultado do processo que Cirne-Lima fez é a afirmação de que a “Coerência” é síntese destas quatro etapas, logo a proposição final ou a quinta etapa elaborada por ele é:

Para todo x e para todo y:

x é uma determinação que se opõe dialeticamente a y;

x é uma determinação que se determina por sua relação com y;

x é uma determinação que é dialeticamente diferente de y;

x é uma determinação que é dialeticamente idêntica a x.

Para Cirne-Lima, a proposição correta, a qual é a síntese, é a conjunção do resultado de todas as etapas ou passos. Para isso, precisamos apenas trocar o “;” no final de cada proposição pela conjunção “e”, assim teríamos a síntese.

A primeira crítica que temos a Cirne-Lima é que todas as formulações que ele fez

---

<sup>15</sup> Cf. *Dasein*. In: HEGEL, G. W. F. Op. Cit. § 89-93.

em cálculos de predicados poderiam ter sido colocadas em forma de discurso corrente, pois facilitaria o trabalho do leitor e o *status* de sua argumentação não seria prejudicado. E mais, esse tipo de formulação não nos dá garantia de que tudo que ele falou é verdadeiro, uma vez que todas as formulações deste tipo têm sempre como pressuposto uma premissa, a qual tem que ser pressuposta para que se possa começar a argumentação – aqui, desde o começo o que foi pressuposto foi a identidade.

A única argumentação que parece ter sido de tipo hegeliana, ou circular, foi esta última: a prova da identidade dialética como oposição, determinação mútua, diferença dialética e identidade dialética. Mesmo não havendo este tipo de formulação em cálculo de predicados tão bem feita quanto ela pode ser feita hoje, Hegel não gostava e nem admitiria que esses tipos de formalizações fossem filosóficas, não admitia a lógica formal como ciência filosófica<sup>16</sup>, pois para ele a filosofia em geral nada tem a ver, absolutamente, com pensamentos formais.<sup>17</sup>

### A Circularidade

O que observamos com tudo isso foi que Cirne-Lima em momento nenhum abre mão da lógica Aristotélica. Este é outro problema que ele tem que enfrentar, pois se não abrir mão em momento algum desta, estas etapas todas que ele fez serão rejeitadas pela própria lógica aristotélica. É bastante simples: nos silogismos que Aristóteles formulou não sobrou nenhum espaço para argumentações circulares: pelo contrário, argumentações circulares nas lógicas de cunho aristotélico são consideradas como falsidades e erros crassos. Como se sabe, de modo algum a premissa pode ser repetida na conclusão.

Um dos argumentos levantados por alguns filósofos analíticos de nosso tempo contra qualquer tentativa tanto de argumentar circularmente como de propor um sistema circular de filosofia, como quer Hegel, é refutá-los pela lógica aristotélica como falsidade, pois em um pensamento correto não há lugar para circularidades. As etapas da *coerência*<sup>18</sup> se mostraram serem circulares, pois o que parece provar, no final das contas, é a identidade. Mesmo que a identidade dialética, que apareceu no final, não seja a mesma identidade lógica, que apareceu no começo, uma vez que a primeira foi refutada, a identidade dialética, por ser síntese, carrega consigo a identidade lógica, logo estaria errada em fazer esta circularidade.

---

<sup>16</sup> BORCHERT, Donald M. *Encyclopedia of Philosophy*: Volume 4. 2 ed. New York: Thomson Gale, 2006. p. 270.

<sup>17</sup> HEGEL, G. W. F. In: Op. Cit. § 82.

<sup>18</sup> Rever ponto “1.4. A identidade dialética – Coerência”, p. 5.

A filosofia, segundo Hegel, tem que ser crítica, isto é, um saber que têm a exigência de criticar seus próprios pressupostos, e para satisfazer esta exigência ela deve ter um caráter de circularidade. É com esta noção do que a filosofia é, que Hegel inicia sua lógica.

A lógica aristotélica, e acreditamos que toda a lógica que foi desenvolvida a partir da dela, é do tipo linear. Linear no sentido de que não se volta nunca para a justificação do princípio, pois ele é evidente nele mesmo, não necessita de justificação, nem de prova ou de demonstração. Nesta lógica, é proibida a volta ao princípio, pois a circularidade aqui é sinônima de falsidade. A argumentação circular se daria de forma tal que a premissa da qual se partiu, seria a conclusão a qual se chega, e aqui a argumentação aristotélica é bastante simples, o que parece se mostrar é que a premissa é dogmática, pois se utilizaria dela própria para se justificar.

Os argumentos na lógica hegeliana são muito diferentes dos que estão na lógica aristotélica, pois aqui é a linearidade que seria, em algum momento, sinônimo de erro, e a circularidade aqui é o tipo de argumentação que possui maior validade.

Hegel propõe que o método de pensar da filosofia deveria ser diferente do método das outras ciências<sup>19</sup> e não poderia tomar para si uma base de reflexão exterior<sup>20</sup>, pois exige que a filosofia deve ser crítica a ponto de voltar-se para seus próprios princípios e poder criticá-los, o que não é possível se fazer em nenhuma das outras ciências. Logo, o que se espera da filosofia é que ela tenha a capacidade de partir de um princípio e fazer uma demonstração do mesmo, de maneira que o resultado não seja algo diferente do próprio princípio. Mas não só demonstrá-lo, mas argumentar porque só se poderia começar por ele e que os resultados obtidos não são outros que ele próprio, enquanto que não se teria algo deduzido a partir dele que não o contivesse e que não fosse ao mesmo tempo, justificativa dele.

A filosofia se mostraria assim a mais alta ciência, pois seria capaz de justificar-se a si própria. Com isso, o que se notaria aqui é que, diferentemente das outras ciências ordinárias, a filosofia não deve partir de um dado, ou um pressuposto, ou de uma hipótese, mas deve iniciar sem pressupostos, e o princípio que ela põe para si é justificado a todo momento e por todo o caminho que ela percorre. Pois como o próprio Hegel disse: “o princípio deve ser também começo, e o que é *prius* – primeiro – para o pensamento, é

---

<sup>19</sup> Há de lembrar aqui que a lógica, para Hegel, é uma ciência.

<sup>20</sup> „Die Philosophie, indem sie Wissenschaft sein soll, kann, wie ich anderwärts erinnert habe, hierzu ihre Methode nicht von einer untergeordneten Wissenschaft, wie die Mathematik ist, borgen, sowenig als es bei kategorischen Versicherungen innerer Anschauung bewenden lassen oder sich des Rasonnements aus Gründen der äußeren Reflexion bedienen“. HEGEL, G. W. F. *Werke in 20 Bänden*; Berlin: Suhrkamp Verlag, 1970. Band 05. p. 16.



também o primeiro no curso do pensamento.<sup>21</sup> Isto quer dizer que, o princípio, que aqui é também começo, e que é por ele que se começa<sup>22</sup>, por ser o primeiro para o pensamento, ou seja, por ser aquilo que se coloca para o pensamento como regra para tal, deve ser o primeiro no curso do próprio pensamento. Isto é, quando o pensamento começa a se eivar, a primeira coisa que se põe para o pensamento mesmo em exercício é o próprio princípio que se pôs como substrato ao pensamento. Este é um problema que a lógica levantada por Aristóteles nunca se colocaria e não aceitaria que alguém o pusesse, pois o princípio em Aristóteles é evidente em si mesmo, não precisaria que fosse provado.

A questão central aqui é que um argumento circular possui uma estrutura tal que, se utilizada, mostra-se dogmática. Como, por exemplo, quando alguém afirma que “um certo livro é a palavra de Deus, porque nela está escrito que ela mesma é a palavra de Deus”, então este alguém está utilizando um argumento circular, portanto, falso, pois implica que a proposição a qual quer ser provada é de tal maneira que deve ser aceita sem justificativas. O mesmo argumento poderia ser utilizado por filósofos analíticos. Estes poderiam afirmar que um sistema circular de filosofia tem a estrutura semelhante a um argumento circular, a única diferença é que o sistema dá-nos uma impressão diferente por sua estrutura ser mais complexa, porém se analisado de maneira correta ele mostra-se tão falso como um argumento circular. Desta maneira, sem abandonar pelo menos parte da lógica aristotélica, acreditamos ser difícil pensar a filosofia como sistema circular, como também quer o sistema filosófico proposto por Cirne-Lima.

### ***Contradição e Coerência***

Para Cirne-Lima, como foi visto, aquilo que Hegel chamou de “contradição” deveria ser chamado de “coerência”. Acreditamos que se a “contradição” em Hegel realmente for do modo como Cirne-Lima a apresenta, então ela deve, sem sombras de dúvidas, ser chamada de “coerência”. Isto porque, do modo como o filósofo brasileiro apresentou, não há nenhuma contradição lógica em nenhum momento, e embora os termos utilizados para falar da “coerência” sejam opostos e contrários entre si, eles se apresentam em uma coerência muito bem organizada por Cirne-Lima, e quanto a isso o filósofo brasileiro merece muitas congratulações, pois este certamente deve ter sido um

---

<sup>21</sup> „So soll das *Prinzip* auch Anfang und das, was das *Prins* für das Denken ist, auch das *Erste* im *Gange* des Denkens sein. Ibidem”. p. 66.

<sup>22</sup> Aqui não estamos afirmando que o começo teria de ser feito necessariamente pelo princípio, pois isto seria fixar um ponto para o começo da filosofia, o que Hegel com certeza não o quer, porém com esta afirmação do próprio Hegel, podemos afirmar que onde quer que seja o lugar por onde se comece a filosofia, o princípio se porá, de modo tal que qualquer ponto poderia ser ponto para se começar a filosofia.

trabalho árduo.

Porém, como o que Cirne-Lima propõe é um novo sistema de filosofia, afirmamos aqui que o sistema com bases hegelianas criado por ele diverge do sistema de Hegel no que diz respeito à contradição. Nossa interpretação da contradição em Hegel não é a mesma do filósofo brasileiro, e a natureza desta divergência começou a ser exposta anteriormente, quando mostramos que a concepção de lógica que ele tem em mente ao explicitar Hegel é uma lógica de cunho aristotélico, que acreditamos divergir da lógica a qual Hegel propôs. Porém, é preciso lembrar também que partilhamos com Cirne-Lima da mesma crença: de que a lógica hegeliana é diferente da lógica aristotélica. No entanto, divergimos no ponto em que ele afirmou veementemente em seu livro que nem ele nem Hegel pretendem negar o princípio de não-contradição da lógica do estagirita, enquanto que afirmamos categoricamente que a lógica hegeliana nega, pelo menos em algum momento e em algum nível, o princípio de não-contradição.

## A Contradição em Hegel

### *A Contradição no mundo e em nós*

É bastante difícil falar da contradição em Hegel, visto que há divergências entre a maioria dos estudiosos de Hegel quanto à negação do princípio de não-contradição de Aristóteles. Acreditamos também que a contradição em Hegel se apresenta no sistema todo e com registros diferentes. Por exemplo, na *fenomenologia* o exemplo do pedaço de sal é visivelmente ontológico, mas na *lógica*, ao afirmar “não há nada em qualquer lugar a mais que não contenha igualmente ambos, mediação e imediação (...)” ele mostra-nos todos os registros em que ela pode ser posta: a ontologia quando afirma “na natureza”; o entendimento humano quando afirma “na mente”; e para proposições e qualquer outro registro que se possa ter quando afirma “em qualquer lugar a mais”.

Um trabalho para determinar em quantos registros Hegel tratou a contradição, teria de ser muito mais minucioso e extenso do que este que fizemos aqui. Acreditamos que o direcionamento maior que Hegel deu a sua lógica foi à ontologia e à metafísica. O tratamento da lógica como ontologia foi colocada pelo próprio Hegel, tanto na *Wissenschaft der Logik* como na lógica da *Enciclopédia*.

Na introdução da *Wissenschaft der Logik* ele afirmou:

A lógica objetiva toma o lugar da metafísica anterior, com a qual esteve a construção científica do mundo, e que deveria ser representada somente através do pensamento (...) assim a lógica objetiva toma diretamente o lugar da ontologia<sup>23</sup>

Aqui parece explícito que ele toma sua lógica objetiva não só como uma metafísica, mas também como uma ontologia. Na citação acima, não fica claro que a lógica de Hegel tem somente uma acepção, a ontológica, como querem alguns autores, pois ao afirmar que a lógica objetiva “toma o lugar da metafísica anterior” e que sua lógica objetiva “toma diretamente o lugar da ontologia”, não me parece que a tarefa da lógica tenha que ficar restrita a estes dois campos. Por outro lado, em Hegel parece não haver uma separação entre a estrutura da natureza e a estrutura do pensamento, por isso que ele afirma que a metafísica tem o poder de construir todo o edifício do mundo através do pensamento. A lógica possui a mesma estrutura tanto no conceito, como no julgamento e no silogismo, isto é, ela é a estrutura lógica e ontológica do ser e das categorias do pensamento.<sup>24</sup>

A contradição do modo como foi apresentada por Aristóteles não passa de uma relação entre termos particulares, na qual ela aparece quando duas proposições, uma universal e uma particular, afirmam coisas diferentes sobre o mesmo sujeito. Hegel apresenta a contradição como uma figura da consciência, sem a qual não se poderia falar do mundo como ele é nele mesmo, pois já que a contradição está no mundo mesmo, ela seria um momento inevitável do pensamento. Também fala da contradição como ontologia, pois essas contradições não aparecem na consciência somente por aparecer, e não são erros da mesma, mas é somente por que o mundo é eivado de contradições que elas aparecem, e como Charles Taylor afirmou, *a contradição é o motor do mundo*<sup>25</sup>. Isso nos diz mais, pois de acordo com isso, não só o mundo mesmo é contraditório, mas também que por não estarmos fora dele, nós possuímos esta característica, ou melhor, a contradição se manifesta no mundo e em nós, sendo que em nós ela aparece como uma figura.

### ***A Contradição no problema do começo da filosofia***

A filosofia, ao se pretender crítica, deve começar sem pressupostos, e no esforço para tal temos algumas tentativas, para ser mais preciso, cinco como Hegel relata. As duas

---

<sup>23</sup> „Die objektive Logik tritt damit vielmehr an die Stelle der vormaligen *Metaphysik*, als welche das wissenschaftliche Gebäude über die Welt war, das nur durch *Gedanken* aufgeführt sein sollte (...)so ist [es] erstens unmittelbar die *Ontologie*, an deren Stelle die objektive Logik tritt (...)“. HEGEL, G. W. F. In: Op. Cit. Band 5. p. 61.

<sup>24</sup> HOULGATE, Stephen. “Hegel’s *Logic* as ontology”. In: HOULGATE, STEPHEN. *The Opening hegel’s logic: from being to infinity*. Indiana: Purdue University Press, 2006. p. 115.

<sup>25</sup> TAYLOR, Charles. *Hegel*. New York: Cambridge University Press, 2005. p. 243.

primeiras são as tentativas de começar pelo puro imediato e pelo mediato, onde Hegel rebate todas as duas, e diz que é fácil refutá-las, porém levanta-se então uma pergunta a Hegel: com o que, Hegel, deve ser feito o começo da filosofia? Pois ao que parece, não há nenhuma outra alternativa de se começar a filosofia a não ser por uma destas duas opções.

Com Karl Leonhard Reinhold aparece mais outra tentativa que Hegel considera e respeita bastante por esta tentativa tratar da natureza do começo filosófico. A tentativa de Reinhold é de começar a filosofia por uma hipótese e regressar até o princípio.<sup>26</sup> Porém, o que se mostra com isso é que dependendo da hipótese muda-se o princípio, e mudando-se o princípio, a hipótese se mostra falsa, assim se mostra que, num caso, em vez de o princípio ser o fundamento para a hipótese, temos a hipótese como o fundamento para o princípio, e em outro caso, temos o princípio como fundamento da hipótese, de forma que no final das contas não se sabe mais quem é o fundamento de quem, se é o princípio que é fundamento da hipótese ou se é a hipótese que é o fundamento do princípio.

Acreditamos que a contradição se mostra aqui, pois uma proposição, segundo o princípio de não-contradição de Aristóteles, seria mediata ou seria imediata, de forma que não se poderia convir sobre este mesmo sujeito – neste caso, uma proposição qualquer – os predicados de imediatividade e mediaticidade. Enquanto que Hegel defendeu que:

Não há nada no céu, na natureza, na mente ou em qualquer lugar a mais que não contenha igualmente ambos, mediação e imediação, tal que essas duas determinações revelam elas mesmas, ser não separadas e inseparáveis.<sup>27</sup>

Neste caso, um lógico diria que aqui teríamos de fazer as devidas distinções.

Cirne-Lima reconheceu que uma proposição pode ser mediata e imediata ao mesmo tempo, e ele chega até a dar exemplos disto, porém, ele não se colocou este problema levantado agora. Além do mais, como Cirne-Lima quer manter o princípio de não-contradição e afirmar que há proposições do tipo mediatas e imediatas? O que é imediato, não é, por definição, mediatizado, e o que é mediato possui algo que serve como meio, diferentemente do que é imediato, que trás consigo o “i” da negação, ou seja, o ser imediato é não ser mediado por nada. Como seria possível então, um algo possuir e não possuir um “meio”?

A contradição se mostra aqui como a exigência da lógica hegeliana de mostrar que

<sup>26</sup> A tentativa de começar a filosofia por uma hipótese é dada a Reinhold por Hegel. Cf. HEGEL, G. W. F. In: Op. Cit. Band 5, p. 69.

<sup>27</sup> „Hier mag daraus nur dies angeführt werden, daß es Nichts *gibt*, nichts im Himmel oder in der Natur oder im Geiste oder wo es sei, was nicht ebenso die Unmittelbarkeit enthält als die Vermittlung, so daß sich diese beiden Bestimmungen als *ungetrennt* und *untrennbar* und jener Gegensatz sich als ein Nichtiges zeigt“. In: Ibidem. p. 66.

toda proposição do tipo imediata deve falhar.<sup>28</sup> Hegel opta por começar a filosofia pelo puro imediato, porém o que se mostra primeiramente para o pensamento é que ele próprio, em sua imediação, se mostra mediatizado. Não só aqui no começo da filosofia, nesta relação entre o puro imediato e o mediatizado, mas também quando ele começou sua filosofia a partir do ser e indo ao nada, e afirma que *o puro ser e o puro nada são o mesmo*<sup>29</sup>, temos exemplos de contradições para Hegel. Deve ser lembrado aqui que o começo da filosofia na *Wissenschaft der Logik* não é de maneira nenhuma uma estratégia de Hegel, como se ele já tivesse em mente o final de sua lógica e desde o começo a guiasse para o ponto que deseja, pois aqui o pensamento puro nada quer e nada opina<sup>30</sup>, e não toma nada de exterior a ele próprio. O que aparece é uma deficiência na coisa mesma, pois a imediatividade, que estava situada no objeto mesmo, apareceu-nos como uma exigência dele próprio e não como exigência ou proceder do sujeito.

O que se pode ver é que mesmo anulando o caráter de subjetividade na análise conceitual, a contradição aparece. Neste caso, a contradição se mostrou como uma propriedade do próprio mundo, como ontológica, e não como um erro do intelecto.

No texto anexo da *Wissenschaft der Logik*, em que Hegel tratou da questão de como a filosofia deve começar, Hegel pareceu tratar da contradição como ontologia, como uma figura da consciência e mais proximamente do que seria contradição em Aristóteles, uma relação de exclusão entre proposições.

### ***A Contradição e o método na “Wissenschaft der Logik”***

A filosofia de Hegel não possui diretamente um método, pois a idéia de um tal nos remeteria a algo exterior que, por sua vez, serviria de linhas-guia para a filosofia, e como vimos, não é isto que Hegel quer.<sup>31</sup> O máximo que poderíamos dizer sobre um método em Hegel é que, se ele possui uma metodologia, esta se chamaria de “análise conceitual”, ou “*exposição do mundo*”, sem que seja tomado nada como pressuposto, isto é, como dado. Esta é a anti-metodologia de Hegel para qualquer filosofia que possua um método determinado. O que ele faz em todo seu sistema é mostrar-nos como os conceitos se desenvolvem, e qual o papel de cada figura da consciência neste desenvolver do conceito. É aqui que queremos enfatizar o lugar da contradição naquilo que poderíamos chamar de

<sup>28</sup> (...) *All immediate propositions must fail*. In: CARLSON, David Gray (org). *Hegel's theory of the subject*. New York: Palgrave Macmillan, 2005. p. 213.

<sup>29</sup> *Das reine Sein und das reine Nichts ist also dasselbe*. HEGEL, G. W. F. In: Op. Cit. Band 5. p. 83.

<sup>30</sup> UTZ, Konrad C. O método dialético de Hegel. *Veritas*. Revista de filosofia. Vol. 50. Nº 1 (2005). Porto Alegre: PUC-RS. pp. 165-185.

<sup>31</sup> Quanto à questão da não pressuposição do método na filosofia hegeliana, ver: BEISER, Frederick. *Hegel*. New York: Routledge, 2005. p. 160.

método em Hegel.

O que aparece no processo destas análises conceituais é o que Hegel chama de contradição, e a mesma aparece no resultado apenas como contradição suprasumida, isto é, como conservada e superada, mas mesmo sendo superada, não deixa de ser afirmada. A contradição em Hegel aparece – como a maioria dos intérpretes hegelianos costumam assumir – como o motor do mundo, e como o que ele quer mostrar é o que o mundo é, e a contradição se mostra como uma das propriedades deste, então não poderia faltar um espaço para ela, visto ela ser o que está no âmago do objeto analisado. Então, para Hegel, logo se vê que em uma apresentação, ou uma proposta de análise do que o mundo é, não poderia faltar a contradição.

A contradição, por ser constitutiva do mundo mesmo, aparece não só como uma qualidade, mas como força que impulsiona a consciência para outro estágio. Estas passagens de um registro para outro se dão porque, (1) o mundo se mostra desta maneira e (2) o pensamento também se comporta assim. Aqui se vê que as leis do pensamento não devem ser procuradas no interior dele, mas deve ser visto como tendo também dimensões ontológicas exteriores, o método em Hegel se mostra então como sendo intrínseco ao pensamento e imanente ao mundo.

O método em Hegel tem como fundamento a contradição, pois ela “está no coração de cada objeto que é pensado”.<sup>32</sup> Sendo assim, a contradição não deve ser exterior ao pensamento, visto que o que se mostra no mundo é o que se mostra no pensamento, e vice-versa. Disto se segue que a contradição é também uma figura da consciência. A contradição é como uma força que impulsiona a consciência para um outro estágio, esta força é uma determinação tanto do pensamento como uma determinação do real.

### **Referências**

- BEISER, Frederick. *Hegel*. New York: Routledge, 2005.
- BORCHERT, Donald M. *Encyclopedia of Philosophy*: Volume 4. 2 ed. New York: Thomson Gale, 2006.
- BREAZEALE, Daniel. *Fichte and Schelling: the Jena period*. In SOLOMON, Robert C. & HIGGINS, Kathleen M. *Routledge History of Philosophy: Volume VI. The Age of German Idealism*. London: Routledge, 1993.
- CARLSON, David Gray. *The antepenultimacy of the Beginning in Hegel's logic*. In: CARLSON, David Gray (org). *Hegel's theory of the subject*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.
- CIRNE-LIMA, Carlos Roberto Velho. *Depois de Hegel*. Caxias do Sul: EDUCS, 2006.

---

<sup>32</sup> Twist and turns of Hegel's contradiction. In: LONGUESSE, Béatrice. *Hegel's critique of metaphysics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 39.

- \_\_\_\_\_. *Dialética para principiantes*. Porto Alegre: Unisinos, 1996.
- COSSUTTA, Frédéric. *Elementos para leitura de textos filosóficos*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- HEGEL, G. W. F. *Ciência de la Lógica*. 6 ed. Buenos Aires: Ediciones Solar, 1993. v I.
- \_\_\_\_\_. *Ciência de la Lógica*. 6 ed. Buenos Aires: Ediciones Solar. 1993, v II.
- \_\_\_\_\_. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio: A Ciência da Lógica*. Vol. I. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Fenomenologia do Espírito*. Parte I. Petrópolis: Vozes, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Science de la logique*. Trad. Labarriere e Jarczyk. Premier tome – la Logique objective. Premier livre. 2 ed. Paris: Éditions Kimé, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Science of Logic*. Trad. A. V. Miller. 2 ed. London: Routledge, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Werke* in 20 Banden mit Registerband 05; Suhrkamp Verlag: Berlin, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Werke* in 20 Banden mit Registerband 06; Suhrkamp Verlag: Berlin, 1970.
- HORSTMANN, Rolf-Peter. Verbete: *Hegel, Georg Wilhelm Friedrich (1770–1831)*. GUYER, Paul. Verbete: *Kant, Immanuel (1724-1804)*. In: ROUTLEDGE ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY 1.0. London: Routledge, 1998.
- HOULGATE, Stephen. *The Opening Hegel's logic: from being to infinity*. Indiana: Purdue University Press, 2006.
- LONGUESSE, Béatrice. *Hegel's critique of metaphysics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- McTAGGART, John Ellis. Hegel's treatment of the categories of quality. *Mind*, New Series, Vol. 11, No. 44, (oct., 1902): pp. 503-526.
- \_\_\_\_\_. *Studies in the Hegelian Dialectic*. Kitchener: Cambridge University Press, 1999.
- PIPPIN, Robert B. *The dialectical Method*. In: BORCHERT, Donald M. *Encyclopedia of Philosophy*: Volume 4. 2 ed. New York: Thomson Gale, 2006.
- REDDING, Paul. *Analytic Philosophy and the Return of Hegelian Thought*. New York: Cambridge, 2007.
- TAYLOR, Charles. *Hegel*. New York: Cambridge University Press, 2005.
- UTZ, Konrad C. O método dialético de Hegel. *Veritas*. Revista de filosofia. Vol. 50. Nº 1 (2005): pp. 165-185.